

# 1

## Introdução

Falar de gênero e sexualidade é falar do íntimo, já que é algo que toca e atravessa a todos, de maneira intensa. Uma dissertação que se propõe tratar do tema precisa passar *através* de seu autor/a, trazendo-o/a ao texto de forma bastante sensível e, neste caso, também apaixonada. Peço licença, portanto, para falar primeiramente de como o tema “gênero e a sexualidade” me atravessou enquanto objeto de pesquisa, além do estabelecimento de uma breve descrição de minha trajetória acadêmica até o encontro com o objeto que está em jogo.

A memória mais viva do meu interesse pelas questões de gênero e sexualidade é de mais ou menos 2008, quando li uma nota no jornal sobre *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*, de Judith Butler. Lembro-me que o pequeno texto falava de forma bem resumida sobre as ideias do livro. Na época, não anotei o título e passei muitos meses tentando descobrir quem era aquela autora que dizia que gênero e sexualidade eram coisas distintas. Por fim, trabalhando em uma livraria, deparei-me com um exemplar do livro em uma das caixas que vinham das editoras para abastecer as prateleiras da loja. Não tive dúvidas de que deveria comprá-lo.

Antes mesmo de ler o livro de Butler, na adolescência, quando descobri que existiam filmes em que personagens e vivências lésbicas eram contempladas, instalou-se em mim uma paixão por esse tipo de filmografia. Passei a recorrer à internet, onde, através de pesquisas, soube que a lista de “filmes B” com histórias homossexuais entre mulheres era generosa. O desafio era encontrá-los. Com o tempo, fui descobrindo meios de consegui-los e, hoje, quase não há filmes contemporâneos com protagonistas lésbicas que eu não tenha assistido. Tornou-se uma espécie de arquivo afetivo. Cada um deles representou um trecho do percurso de aceitação dos meus próprios desejos.

Paralelamente aos filmes, passei a acompanhar *The L Word*, uma série dramática norte-americana, escrita por Ilene Chaiken, que retratava o cotidiano e aventuras sexuais de um grupo de amigas lésbicas na Califórnia. *The L word* teve sua última temporada em 2009, poucos meses antes do meu ingresso neste Programa de Pós-Graduação para dar início ao mestrado.

No mesmo período, conheci os filmes independentes de John Cameron Mitchell, *Hedwig and the angry inch* e *Shortbus*, o primeiro estrelado pelo próprio diretor e roteirista e o segundo por ex-atores pornô, uma ex-VJ da MTV canadense e também por pessoas que nunca haviam atuado em um filme.

Iniciei o mestrado em 2010 com o intuito de trabalhar em um projeto que tinha como *corpus* um livro do autor português Antônio Lobo Antunes, *Ontem não te vi em babilônia*, e um filme do diretor sueco Ingmar Bergman, *A hora do lobo* (1968). A reviravolta aconteceu com a disciplina da professora Eneida Leal Cunha, logo no primeiro semestre, minha orientadora nesta dissertação. A bibliografia e as discussões em aula me levaram à necessidade de escrever a monografia de final de curso sobre o filme / musical *Hedwig and the angry inch*, que conta a história de um transexual que passa por uma cirurgia de mudança de sexo para poder fugir da Alemanha Oriental durante a Guerra-Fria e conseguir morar nos Estados Unidos – ela consegue concluir a fuga e se torna a líder de uma banda de rock que dá nome ao filme. Com isso, a necessidade de mudança de perspectiva com relação ao meu projeto se tornou flagrante: as questões de gênero e sexualidade diziam respeito a mim, pessoalmente, e reparei que me atraíam de forma mais intensa.

A análise do filme de Mitchell e um documentário que ela me levou a assistir, *Fabulous! The Story of queer cinema* (2006), de Lisa Ades e Leslie Klainberg, fizeram com que eu comesse a ter outra visão com relação a todos aqueles filmes que assisti no período da adolescência e também em relação à série *The L Word*. Comecei a observar que as mulheres homossexuais da maioria daqueles filmes, e principalmente da série escrita por Ilene Chaiken, repetiam uma única representação: mulheres brancas, femininas e de classe-média.

O tema central dessa dissertação nasceu dessa observação e do questionamento que ela provocava: por que me identificava tão pouco com as personagens de todos esses filmes e séries? A partir desse questionamento direcionei minha pesquisa para documentários e entrevistas sobre essa questão, com o intuito de procurar mais pessoas que não se identificavam com esses modos de representar a (homos)sexualidade. Para a minha surpresa, eu não estava sozinha nessa inquietude e decidi investir minha reflexão a tentar entender por que essa multidão de indivíduos estava sendo invisibilizada pela mídia, pelo cinema, pelas novelas, etc.

A heterogeneidade de objetos com os quais tive que lidar faz com que essa dissertação não se adeque aos padrões típicos e usuais de uma dissertação de mestrado – o que a torna, neste aspecto, semelhante a seu tema, já que tratarei da inadequação. Não me debruçarei, assim, especificamente sobre filme(s) *ou* novela(s) *ou* livro(s), mas sobre filmes *e* novelas *e* livros. A reflexão a ser expandida será costurada por objetos em variadas linguagens artísticas e por diversas formas de registro (trechos de entrevistas a jornais, seção de cartas de leitor em revistas etc.) levando em conta também o caráter heterogêneo da subjetividade já que, ela própria, tem em seu centro organizacional a sexualidade e o gênero. Esta circulação por um conjunto de objetos se fez em paralelo ao desenvolvimento da questão central deste trabalho: as consequências da naturalização das identidades sexuais, pelas tecnologias de produção de subjetividade e reiteradas pelas políticas homossexuais a partir dos anos 1970. Entre essas consequências se encontra o perigo da normalização dessas identidades, o que exclui mais ainda uma multidão de indivíduos que não se encaixam nas simples e redutoras dicotomias de identidade de gênero e desejo sexual.

No segundo capítulo se estabelecerá uma pequena historiografia do movimento identitário homossexual. O capítulo se desdobrará, ainda, com o objetivo de se questionar o caráter naturalizado das identidades de desejo sexual (heterossexualidade / homossexualidade), em uma genealogia dessas categorias –

buscando, com inspiração no projeto mais geral de Frederic Nietzsche <sup>1</sup>, questionar o “sentido” e o “valor” dessas identidades enquanto narrativas fundacionais da subjetividade. Como auxílio a essa genealogia crítica, partirei de estudos de Michel Foucault, como *Em defesa da sociedade* e o primeiro volume de *A história da sexualidade*, que tratam das “sociedades disciplinares” e um capítulo do livro *Conversações* de Gilles Deleuze (1992), “Post-scriptum sobre as sociedades de controle”, onde ele, brevemente, dá continuidade ao estudo de Foucault acerca do poder, porém se atendo na *imagem* e os novos meios de transmiti-la, como novos tipos de tecnologias de produção de subjetividade.

O terceiro capítulo trilhará novamente um caminho genealógico, mas se atendo ao “sair do armário” gay como uma das vertentes do caminho percorrido pelo dispositivo confessional católico, que tem sua origem no século VI. O objetivo desse capítulo será defender que o ato de revelar a sexualidade, como consequência de interpelações sociais é, ao contrário do que defende a vertente mais conhecida de luta política sexual, mais aprisionador do que libertador. O próprio dispositivo da revelação, através do *coming out*, é uma estratégia política do contexto norte-americano, sendo utilizado no Brasil sem as devidas adequações socioculturais. Para essa reflexão, este capítulo terá como base bibliográfica o livro *Os Anormais* de Michel Foucault, o artigo *A epistemologia do armário*, de Eve Kosofsky Sedgwick e o ensaio *O homossexual astucioso*, de Silviano Santiago, que auxiliará em uma análise do personagem central da malandragem carioca, Madame Satã, e do filme homônimo feito sobre ele, de Karim Aïnouz.

O tema da normalização das performances de gênero não-heteronormativas será central no quarto capítulo. A tentativa de normalizar esses componentes subjetivos é, de forma hostil, produzida desde a infância. A negação social dessas características irá, portanto, ser refletida nas diferentes tecnologias de produção de subjetividade. O movimento político homossexual oficial deu pouca atenção às mulheres masculinizadas e homens efeminados, produzindo a exclusão, em sua luta, de sujeitos que não obedecem ao modo de vida

---

<sup>1</sup> Deleuze, G. *Nietzsche et la philosophie*.

heteronormativo. Além disso, será abordada também a importância que tem o estereótipo do homossexual para a constituição da heteronormatividade. Para sustentar essa perspectiva, serão analisados nesse capítulo os filmes *Tomboy*, *Mãe em rose* e *If these walls could talk 2*, além do documentário *The Celluloid Closet* e as novelas da Rede Globo, através dos estudos sobre o tema produzidos por Leandro Colling. Como bibliografia principal, serão utilizados o livro *Masculinidad Femenina*, de Judith Halberstam, o ensaio *How to bring your kids up gay*, de Eve Kosofsky Sedgwick, e o ensaio “A outra questão: O estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo”, publicado no livro *O local da cultura* de Homi Bhabha.

Enfim, no quinto capítulo será privilegiada a nascente subversão dos binarismos de gênero (masculino / feminino; homem / mulher) e de desejo sexual (heterossexual / homossexual). O filme *Elvis & Madona*, de Marcelo Laffitte e o documentário *Dzi Croquettes*, de Tatiana Issa e Raphael Alvarez, serão analisados nessa etapa, levando em conta que são expoentes culturais do questionamento daqueles binarismos, que vem sendo proposto desde a virada do século XX para o XXI <sup>2</sup>. Defenderei a importância dessas produções, em conjunto com outras que estão surgindo e que acredito ainda surgirão, para que as identidades de gênero e o desejo sexual sejam concebidos, vivenciados e abordados de forma mais complexa e fluida do que as redutoras dicotomias homem *versus* mulher, masculino *versus* feminino, heterossexual *versus* homossexual.

---

<sup>2</sup> BHABHA, H. *O local da cultura*.